

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18. n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 198	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE JUNHO 1884	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	4\$000	2\$000	—S—	—S—		
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5\$000	2\$500	—S—	—S—		

## CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente vão fazer-se as reformas politicas, essas reformas que o paiz pedia como se pede pão para a bocca, no dizer dos mais arrojados politicos portuguezes.

Dentro de breves dias o paiz vai eleger os homens que hão de reformar a constituição: estamos em vespuras d'umas eleições constituintes, o acto mais grave e solemne da vida politica de um povo.

E entretanto nunca n'estes ultimos tempos o paiz, notoriamente indifferente em materia politica, mostrou maior indifferença ante umas eleições como está mostrando em frente d'essas graves eleições constituintes.

Os interesses partidarios das nossas collectividades politicas a gritarem ha muitos annos que o paiz exigia reformas constitucionaes, e o paiz a mostrar irresponsivelmente que não se importa nada com isso, que tanto se lhe dá como se lhe deu, a provar com a sua indifferença completa que as suas reclamações insistentes de reformas politicas não passavam de uma banal rethorica parlamentar.

Nunca, ha muito tempo, Portugal se importou menos com umas eleições do que se importa com estas.

Não ha absolutamente no reino movimento algum eleitoral senão nas arcadas do Terreiro do Paço.

Ahi sim, ahi percebe-se facilmente que se está ás portas de umas eleições.

Chusmas de deputados enchem completamente e quotidianamente essas arcadas para consultar a vontade popular. . . no gabinete do ministro do reino.

Fóra do Terreiro do Paço ninguem pensa em eleições. Pensa-se em tudo, em ouvir o *Barberillo de Lavapiés*, em vêr os bois premiados na exposição agricola, em passear nos camellos do Jardim de Acclimação, em tudo, menos nos deputados que hão de reformar a carta.

E temos a completa certeza de que, se os partidos não fizessem galopinagem, se o governo deixasse a vontade popular manifestar-se espontaneamente, se as influencias eleitoraes se não puzessem em campo, e se as eleições se fizessem livremente, sem intervenção de especie alguma, como na brilhante theoria do suffragio popular se estatue, as eleições dariam em resultado não haver um unico deputado, porque com certeza ninguem iria votar.

E no fim de cincoenta e tantos annos de vida constitucional chegámos a este resultado.

É necessario confessar que não temos lá caminhado muito.

Mas no fim de contas, se as infelicidades alheias po-

dem servir de consolação ás nossas infelicidades — e o egoismo humano é tão grande que realmente servem — devemos alegrar-nos, porque a verdade é que em quasi toda a parte se encontra a mesma coisa.

E infeliz o povo que não tem esta indifferença, esta pobre indifferença, que tem sido tão aggredda e tão insultada. Porque só os povos livres é que são indifferentes.

A liberdade é como a saude. Ninguem faz caso d'ella senão quando a perde.

Um homem que tem saude importa-se lá com a hygiene, para coisa alguma, pensa por ventura em que póde adoecer, tem por acaso o mais ligeiro cuidado com a sua vida? cuida simplesmente em se divertir, em gosar a vida, e tem pela saude a mais completa indifferença.

Um povo que tem liberdade é exactamente a mesma coisa.

Se de repente, porém, apparece a enfermidade, vem então todos os cuidados, e lança-se mão de todos os remedios, não se recua mesmo diante dos mais energicos.

Por enquanto o nosso povo não sentiu os symptomas de qualquer doença, ainda não lhe passou pela cabeça a idéa de que póde perder

as suas liberdades, e por tanto não faz caso d'ellas.

Que Deus o conserve assim por muito tempo. A indifferença politica é uma coisa má, filha de uma bella coisa — a Paz.

Não fustiguemos pois muito cruelmente a filha, visto que temos a felicidade de conhecer a mãe, uma felicidade rara nos tempos que vão correndo e que muitos povos, que nós levianamente invejamos, nos invejam a nós com muito mais solidas razões.

É de ha muito costume enraizado no nosso paiz escolher-se para os differentes cargos publicos aquelles que para elles menos nasceram.

Ordinariamente quando se trata de procurar um homem para exercer um logar, busca-se aquelle que tem as aptidões mais oppostas para esse logar, ou mesmo — o que não é raro — aquelle que não tem aptidões para coisa alguma.

Quando por um acaso esta regra falha, quando uma excepção surge, e quando para um cargo publico é escolhido um homem cujas aptidões se casam perfeitamente com o logar que é chamado a exercer, são poucos todos os elogios que se façam ao ministro que fez essa escolha, são poucos todos os applausos com que se receba essa nomeação.

Hoje dá-se um d'esses casos raros.

O sr. ministro do reino nomeou conservador e secretario do novo Museu de Bellas Artes e Archeologia o sr. Manuel de Macedo.

Não podemos n'este jornal que Manuel de Macedo dirige artisticamente desde a sua fundação, fazer o elogio d'esse illustre artista, cuja elevada capacidade, levantado criterio, excepcional illustração, todos reconhecem.

Não podemos, nem precisamos, porque o nome d'elle é bem conhecido de todos, e porque não é preciso gastar muita tinta para demonstrar que para conservador de um museu de Bellas Artes e antiguidades, não se podia fazer escolha mais acertada, que a de Manuel de Macedo, um artista notabilissimo, uma das mais completas e brilhantes illustrações artisticas, cuja vasta erudição, profundo estudo, robusto talento, indicavam naturalmente para exercer esse cargo a altura de que são os lugares de conservadores nos grandes museus estrangeiros.

Ha dias os jornaes de Lisboa extrahiram das folhas de Paris uma noticia que ha tres mezes não interessaria nada os lisboetas, mas que hoje causou certa sensação; a da morte do actor Didier.

Segundo esses jornaes o Didier fulminado pela congestão em Vichy, estando a representar o *Bébé* era o famoso Didier que esteve ha se-



JOSÉ DO PATROCÍNIO

manas ainda em Lisboa com a Chaumont, aquelle Didier que era de uma gravidade comica impagavel na *Petite marquise* a estudar a historia dos trovadores, d'um *entrain* magnifico, no impressionista da *Cigale*, d'uma verve deliciosa no Adhemar do *Divorçons*, aquelle excellente Didier de que os parisienses faziam pouco caso, porque não era um creador, mas simplesmente um imitador do Baron, mas que em Lisboa teve quasi tanto successo como a Chaumont, senão mais, porque a Chaumont decahia um bocadinho do entusiasmo do publico no *Divorçons*, emquanto que elle cá manteve-se sempre, em todas as peças, na mesma altura perante as sympathias do publico.

Parece porém, e felizmente para elle, coitado, — que as saudades dos lisboetas foram apressadas de mais, e que o bom do Didier está de perfeita saúde, tendo apenas de commum com o Didier morto em Vichy, o nome.

Antes isso do que a vida, e folgamos se assim fôr e se tivermos de retirar as nossas saudades por engano na applicação.

E já que falámos de mortos, falaremos de mais um, d'um militar que era muito estimado e que deixou fundas saudades, saudades de que infelizmente não se terá de voltar a trazer, do capitão de caçadores 2, o sr. Adolpho Francisco da Silva Carreira.

No enterro d'este official, que foi imponente, figurou pela segunda vez em enterros militares, a nova carreta funebre, essa bella e sympathica inovação de que o *Occidente* já deu larga conta no seu numero de 21 de abril ultimo.

O primeiro enterro em que figurou essa carreta, realisou-se no dia 10 de abril, e foi a elle que se referiu a nossa noticia então.

O enterro do sr. Carreira realisou-se no dia 9 do corrente e n'esse a carreta funebre foi pedida pela officialidade de caçadores 2, pedido que mostra quanto essa inovação é sympathica ao exercito.

Dentro em pouco estamos certos, a carreta funebre figurará em todos os enterros militares, sem distincção de cathogoria, porque dá um aspecto muito mais imponente ao funeral, e preenche todos as condições de gravidade, de respeito e de economia.

E deixando agora assumptos funebres, voltamos para coisas mais alegres, para a musica hespanhola que estoura jovial as suas castanholas e as suas pandeiretas no Colyseu dos Recreios, para a novidade que anda hoje em todas as boccas e que será o grande acontecimento de amanhã, a vinda da Judic.

Depois de tantas vezes falada e nunca realisada, parece que d'esta vez passa de boato a facto a vinda á nossa terra da celebre actriz franceza, da verdadeira musa da operetta franceza moderna.

E' o agente theatral Schurmann que traz a Lisboa a gloriosa actriz, e se elle ganhou rios de dinheiro com a Chaumont, ganhará oceanos de ouro com a Judic.

Porque a verdade é que, tenha embora dito o que dissesse o reclame a respeito da Celine Chaumont, a Judic é muito superior, ou pelo menos é muito differente d'ella.

A Chaumont tem todos os seus effeitos nos gestos *canailles*, nas caretas grotescas e na voz avinhada. Pelo contrario, a Judic tem-n'os no contraste gracioso da ingenuidade da maneira de dizer com as palavras picantes que diz.

A Judic é muito mais fina, mais delicada que a Chaumont, tem um talento muito mais gracioso e elegante, e é de muito melhor tom artistico, pelo menos é isto o que diz a critica, o que dizem as pessoas que a ouviram.

E o que é certo é que o nome de Judic chegou-nos muito mais depressa e muito mais aureolado pela fama que o da Chaumont.

Quando a empresa de S. Carlos affixou os seus cartazes para as recitas da Chaumont, a maior parte da gente, o publico em geral, que não anda em dia com as criticas do teatro de Paris, olhou para esse nome como para um nome desconhecido e teve que recorrer ás luzes do noticiario para saber quem era essa actriz franceza cujas representações o teatro de S. Carlos annunciava.

Com a Judic não acontece o mesmo. Toda a gente lhe conhece o nome: além d'isso o seu reportorio é todo de operetta, e estas duas circunstancias garantem um grande successo á empresa que a apresentar.

O successo para a Judic, esse é-lhe garantido pelo seu brilhante talento, por esse talento que lhe tem dado a celebridade em Paris, o que quer dizer a celebridade no mundo.

A companhia de zarzuela que está no Colyseu, é innegavelmente uma das melhores companhias hespanholas que tem vindo a Lisboa, e como tal tem sido enorme o seu successo.

Os dois maestros que esta companhia traz são dos primeiros da Hespanha, Cabellero e Chapi, e o seu director é um dos auctores dramaticos mais fecundos e festejados de Madrid, o sr. Ramos Carrion.

A companhia tem artistas de elevado merito, entre elles a tiple dramatica Cortez, que Lisboa já applaudiu muito ha annos, a sr.<sup>a</sup> Roca, que é uma das mais engraçadas cantoras hespanholas que tem estado em Lisboa, a sr.<sup>a</sup> Salas, o tenor Bergère, que é magnifico, e muitos outros artistas distinctos, que não podemos especialisar n'esta rapida noticia.

Até hoje a zarzuela de maior successo que tem dado, foi o *Barberillo*, e comprehendendo-se facilmente isso, porque o *Barberillo* é uma das zarzuelas mais caracteristicas da Hespanha e aquella que exactamente por esse facto, pela sua vivacidade extranha, pelo seu accentuado caracter nacional, mais agrada em Lisboa.

A zarzuela dramatica é muito difficil de acclimar em Portugal, por mais bem feita que seja, como por exemplo a *Marina*, é fastidiosa, é massadora para um publico que no genero serio está habituado ás grandes obras primas do mundo lyrico.

*Barberillo de Lavapiés*, *Processo do Can-can*, *Testamento Azul*, isso sim, que agrada em Lisboa, que tem musica jovial e hespanhola, que nos encanta nas ferias da opera italiana e da operetta franceza.

Se a companhia de zarzuela do Colyseu quer sempre successos, organise o seu reportorio n'este genero e o publico encherá sempre o teatro e os actores terão ovações todas as noites.

É um conselho de amigo e de interessado, porque desde o momento em que o reportorio seja este, nós estaremos todas as noites no Colyseu.

Gervasio Lobato.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O SR. JOSÉ DO PATROCINIO

No inverno passado, uma noite em S. Carlos, Raphael Bordallo apresentou-nos a um rapaz alto, magro, sympathico, physionomia intelligentissima, mas com a expressão dolorida do longo padecer e disse-nos:

— O sr. José do Patrocínio.

Abraçámo-lo cheio de jubilo. José do Patrocínio era para nós um amigo velho.

De ha muito que o conheciamos da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, onde os seus bellos folhetins politicos semanaes tinham um verdadeiro successo.

Além d'isso, além de conhecermos o folhetinista brilhante conheciamos n'elle tambem o ardente propagandista da abolição da escravidão, o orador eloquente e o escriptor primoroso que pozera a sua voz possante e a sua penna poderosa ao serviço d'essa grande causa sacrosanta: — a emancipação dos escravos.

José do Patrocínio é ao mesmo tempo do que um escriptor notabilissimo e um orador de primeira ordem, um conversador sympathico, um homem extremamente amavel e attrahente.

Admiravamos de ha muito o escriptor, ficámos tendo uma profunda estima pelo homem.

Infelizmente as nossas relações não se puderam estreitar muito. D'alli a dias José do Patrocínio partia para Paris em viagem de recreio e de convalescença, e na volta para o Brazil, elle que promettera demorar-se em Portugal, mal aqui pousou.

E ficámos sendo apenas amigo d'um dia do escriptor de que eramos admirador ha muitos annos.

O *Occidente* publica hoje o retrato do sr. José do Patrocínio para registrar a passagem por Lisboa d'esse illustre filho do imperio brasileiro.

Sentimos não poder acompanhar esse retrato d'uma biographia do homem e d'um estudo do escriptor, mas falta-nos o tempo e os dados para qualquer d'esses trabalhos.

José do Patrocínio é natural da cidade de Campos.

Deixando a sua terra natal pela capital do Imperio distinguuiu-se ahi rapidamente pelas suas poderosas faculdades de escriptor e de orador.

Durante muitos annos escreveu na *Gazeta de Noticias*, revistas politicas de primeira ordem,

tanto pela elevação de criterio como pelo brilho litterario da fôrma.

No jornal e na tribuna José do Patrocínio tem sido sempre um dos mais notaveis abolicionistas e isso tem tornado adorado o seu nome illustre.

São numerosos os trabalhos litterarios e jornalisticos de José do Patrocínio, figurando entre elles em primeiro logar, o *Motta Coqueiro*, a historia d'esse Lesurque do Brazil, os *Emigrantes*, o estudo acerca da fome no Ceará, etc., etc.

José do Patrocínio é hoje proprietario e redactor da *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro.

É um dos mais brilhantes e sympathicos talentos do Brazil, e aproveitamos esta occasião de lhe testemunharmos d'aqui a nossa estima e enthusiasmo.

G. L.

VALENTIM EVARISTO DO REGO

Eis um nome que honrou o paiz em toda a parte, onde teve obrigação de o representar; eis um homem que sendo dotado de grande intelligencia, de grande dedicação ao trabalho e de honestidade inconcussa, occupou posições importantes á custa do seu merito, que não podia occultar-se, embora soffresse sempre desde o principio da sua carreira publica injustiças e desfavores.

Era ainda muito novo quando foi empregado na *Companhia de obras publicas* organizada em 1845 a 1846 sob o governo do conde de Thomar. Suspensos os trabalhos d'ella por effeito dos acontecimentos politicos d'esse tempo, passou pouco depois para o antigo *Archivo Militar*. Posteriormente foi determinado que aos militares empregados no referido archivo se lhes contasse para todos os effeitos o tempo que alli haviam servido; fez-se isso a todos, mas por um capricho da repartição respectiva, foi exceptuado d'essa medida Valentim do Rego, de modo que á hora da sua morte, quando os individuos do seu tempo eram tenentes coroneis, elle era apenas capitão, e não lhe competiria a promoção a major tão cedo.

Tendo o curso da escola polytechnica foi escolhido para ir a França estudar o de engenharia na escola respectiva, e para alli partiu juntamente, com os, ha muito fallecidos, João Evangelista de Abreu e Fontoura.

Terminado o curso voltou a Portugal, trazendo, como os seus collegas, as attestações mais importantes da sua applicação e conhecimentos. O grande nome que alli tinha deixado seu irmão Gregorio Nazianseno do Rego, o maior talento mathematico, em corpo mais franzino, que talvez appareceu em Portugal no nosso seculo, não foi empanado por elle, embora o seu talento não attingisse a altura transcendente do de seu chorado e malogrado irmão. O governo havia estabelecido um premio de 200,000 réis para o melhor album de desenhos que os subvencionados apresentassem; todos tres eram habeis desenhadores, mas, apesar de muita trica que então houve e de que vagamente nos recordamos, o premio foi adjudicado a Valentim do Rego, e com justiça.

Valentim do Rego foi sempre, durante a sua vida de engenheiro principalmente um homem pratico; os mesmos relatorios que dirigiu ao governo sobre os serviços de que com incumbido, são curtos, concisos, expõem os assumptos com limpidez, sem procurarem occultar com os effeitos de rethorica, a carencia de sciencia e de razão.

O governo incumbiu o logo de fazer o projecto de Chaves a Cavez, Villa Pouca d'Aguiar, etc., que executou. Concluido esse serviço foi nomeado director das obras na Figueira da Foz e em Coimbra.

Mais tarde sendo director geral dos telegraphos e faroes do reino, o conhecido engenheiro José Victorino Damazio, foi Valentim do Rego nomeado inspector d'elles. Por morte de Damazio foi occupar aquelle cargo o malogrado e notavel engenheiro José Diogo Mousinho, e por fallecimento d'este assumiu Valentim do Rego o logar de director.

Os serviços prestados n'esta repartição pelo nosso engenheiro foram importantissimos. Coube-lhe a parte espinhosa de representar Portugal, ainda como inspector nos congressos telegraphicos de Vienna d'Austria e de Roma, e depois como director, em 1878, no de Londres.

Um paiz, que se julga em geral atrazado, tem tido a rara fortuna de ser quasi sempre bem representado nos certamens scientificos para que tem sido convidado, e a Valentim do Rego cabe-lhe a gloria de o ter feito por tal modo, no primeiro congresso de Vienna, que, de modesto representante de um paiz pequeno, passou a occupar a primeira plana, depois de uma discussão em que mostrou uma proficiencia muito acima do commum, que o fez respeitar, sendo nomeado para todas as

commissões, e decidindo-se a maior parte das questões segundo o seu parecer.

No congresso de Londres de 1878, depois de ter rebatido as asserções do proprio ministro dos correios e telegraphos de França, o sr. Cochery, que havia tomado pela primeira vez a palavra para combater a taxa fundamental, viu-se apoiado na sua opinião pelos delegados da Belgica e Austria.

Comtudo na votação da taxa, sobre-taxa, minimo de palavras, etc., o resultado obtido, constituindo um regimen de tarifas mais restrictivo que o que tinha sido proposto pela sub-commissão, causou grande surpresa, provocando apreensões da parte de alguns delegados.

«Foi este o momento critico da conferencia, diz o Relatorio, e tão critico que as delegações da Belgica, da Allemanha e da França, declararam achar-se na impossibilidade de assignar a convenção, mantendo-se o resultado da votação. Tornou-se pois forçoso o reconsiderar e dar por nullo o resultado das votações da sessão anterior; mas as propostas que se apresentaram não melhoraram a situação.

«A proposta da Italia era complicada e não dava esperanças de se chegar a um bom resultado. A Belgica propunha formar-se uma União restricta dos Estados da Europa central e meridional, obrigando-se estes Estados a aplicar uma tarifa mais vantajosa ao publico e mais conforme ás necessidades legitimadas dos pequenos paizes.

«A ideia de formar fóra da União geral, uma União mais íntima composta sómente de uma parte dos Estados, encontrou repugnancia em um grande numero de delegações. Era em quanto a mim a destruição da união telegraphica.»

Cada uma propunha diversos alvites, a sessão interrompeu-se, e todos julgavam, que quando se abrisse, se dissolveria o congresso, e ficariam nulos todos os esforços e trabalhos até alli emprendidos.

Reaberta a sessão, ao fim de tres quartos de hora de interrupção, tudo estava perplexo e em conjuntura tão difficil levanta-se o delegado portuguez, e apresenta uma proposta, que foi admittida conjurando a tempestade por uma aprovação de 10 votos contra 8.

Ainda assim houve duvidas, declarações de alguns delegados na sessão de 8 de julho immediata áquella, conseguindo-se finalmente na 8ª sessão, de 16 de julho, uma adhesão completa á proposta do delegado portuguez.

Quando Valentim Evaristo do Rego chegou a Portugal foi exonerado do seu cargo de Director dos Telegraphos pelo ministro das obras publicas, o fallecido Saraiva de Carvalho.

Algum tempo depois foi o illustre engenheiro nomeado Chefe da Repartição de obras Publicas no Ministerio respectivo. A sua saude, porem, estava abalada e pouco o deixou gozar do seu novo cargo. Desde dezembro de 1881 que a doença que o prostrou o começou a atacar mais desapidadamente.

Ora melhor, ora peor, desde 1882 que a sua vida era uma lucta com a morte. Emfim esta venceu e a 22 de maio ultimo apagava-se a luz d'aquella intelligencia que tanto serviu a patria. Valentim do Rego nasceu em Lisboa em 1852, contava portanto 59 annos de idade.

É uma honra para um paiz produzir homens do valor dos dois irmãos Gregorio Nazianzeno e Valentim Evaristo do Rego.

B.

## O CENTENARIO DO BOM JESUS DO MONTE

Nos dias 30 e 31 de maio ultimo e 1 e 2 de julho corrente realizaram-se com grande pompa e extraordinaria concorrencia de povo, em Braga, as festas do centenario do Sanctuario do Bom Jesus do Monte. Essas festas consistiram em procissões, *Te Deums*, sermões, exposições de gado e de rosas, illuminações, fogos d'artificio, etc.

Foi grande o concurso de povo a essas festas que mais brilhantes correriam se não viesse a chuva orvalhal-as nos ultimos dias.

Para registrar essas festas o *Occidente* dedica hoje uma das suas paginas ao Bom Jesus de Braga, essa Cintra do Minho, um dos logares mais pittorescos e formosos de Portugal cujas bellezas naturaes tem sido realçadas por tudo que a arte moderna tem inventado de mais elegante e de mais confortavel. É longa a historia do Sanctuario do Bom Jesus e não a faremos aqui.

Foi nos fins do seculo xv em 1492, que o arcebispo de Braga D. Jorge da Costa, edificou no alto do monte do Espinho, uma pequena ermida sob a invocação de Santa Cruz.

Apesar da devoção popular ter corrido ao chamamento do arcebispo, não foi ella tão grande e

tão proficua, que d'alli a 28 annos não estivesse completamente em ruinas a pequena ermida de Santa Cruz.

Valeu-lhe o deão da Sé de Braga, D. João da Guarda, que a reedificou e ampliou, em 1522.

D'alli porém a alguns annos a ermida voltou a cahir em ruina, e foi então que em 1581 se instituiu uma confraria de devotos para reedificar e ampliar o templo mudando a invocação de Santa Cruz em Bom Jesus do Monte, passando assim o monte do Espinho, que já então se chamava monte de Santa Cruz a denominar-se monte do Bom Jesus.

Vendo o templo reedificado os successores de D. João da Guarda começaram a disputar-lhe a posse, intentaram uma demanda contra a confraria, que não se sentindo com forças para lutar com tão poderoso inimigo, cedeu logo.

Em 1720, porém, o desembargador, juiz dos residuos veio em auxilio da confraria, convocou-a novamente, fez eleger uma mesa forte, meza que tomou á sua conta a demanda, e finalmente em 7 de junho de 1722, o arcebispo D. Rodrigo de Moura declarando-se juiz da confraria, fez com que o deão desistisse da demanda ha longo tempo encetada.

Foi D. Rodrigo de Moura que demoliu a antiga ermida e mandou construir um templo muito maior que ficou concluido em 1725.

D'alli a 64 annos, D. Gaspar de Bragança, filho legitimado de D. João V, mandou edificar o actual cujo plano e execução foram devidos ao architecto Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, lente de desenho da Academia de Porto, fallecido em 1815. N'estes ultimos annos a montanha tão afamada e tão pittoresca do Bom Jesus de Braga tem tido grandes melhoramentos.

O engenheiro o sr. Brandão aformoseou extraordinariamente a bella matta do Bom Jesus, fazendo um bello lago artificial no alto do monte, lago onde passeiam varios barcos e atravessado por uma ponte extremamente pittoresca.

Graças ao sr. Gomes, um dos homens mais emprendedores de Portugal, o Bom Jesus depois de possuir um magnifico hotel que está a par dos melhores de Lisboa e que não tem na provincia nenhum que se lhe iguale, tem um elevador, o primeiro que se fez no paiz, que acabou com todas as fadigas da ascensão ao alto monte, e que o torna o passeio favorito de toda a gente de Braga e de todos os *touristes* que percorrem o nosso Minho.

A nossa gravura representa uma alameda do Bom Jesus, o templo erecto no alto da montanha, o portico da entrada da escadaria das capellas, e o lago artificial feito ao pé da matta.

## PONTE SOBRE O SOUSA

A respeito d'esta gravura, veja-se o artigo *Caminho de Ferro do Douro*, já publicado.

## O KIOSQUE DOS MACACOS NO JARDIM ZOOLOGICO

Segundo a escola darwinista, são os nossos primos que estão alli ingaiolados. O instincto dos visitantes, em que peze aos adversarios de Darwin, parece dar razão ao grande naturalista inglez, incaminhando-se de preferencia para o *kiosque dos macacos*, e de preferencia demorando-se em minuciosa inspecção, de preferencia a quantas particularidades curiosissimas lhes offerece a digressão no parque de S. Sebastião da Pedreira.

É que, de mais a mais, encontra-se alli perfeitamente o simulacro dos nossos parlamentos.

E senão... repare-se. O *kiosque dos macacos* é constituído por duas galerias em arco de circulo, unidas entre si por um pavilhão central.

N'este pavilhão central, povoado por especies varias de macacos, dir-se-hia uma *sala de deputados* em plena sessão. Ao centro a *meza da presidencia*; em frente uma tribuna rustica, simulando um penhasco, destinada ao que mais accentuadamente pretende fazer ouvir o seu voto n'aquella assembléa de conspícuos; perto da tribuna um pequenino tanque d'agua para acalmar os fogos da discussão; pendente do tecto uma campainha para chamar á ordem os mais exaltados; ao fundo uma serie de tocas ou casinholas, gabinetes reservados para *trabalhos de commissões e conciliações de interesses mutuos*; arcos e baloiços, cordas e trapezios, destinados ás evoluções acrobaticas d'aquelles pelotiqueiros: — exactamente uma reunião dos nossos politicos!

De quando em quando arma-se a desordem n'aquella casa de orates: grande tumulto e ber-

ria! Que foi? que aconteceu? dois macacos que se abocanham? Não ha tal! são dois deputados que entrecruzam reciprocamente as ultimas injurias, para sahirem de braço dado (ao terminar da sessão) galhofando ambos em amigavel accordo!

Nas galerias lateraes figuram em compartimentos isolados aquelles que não teem por ora licença de tripudiar no pavilhão central: candidatos que se preparam talvez para as peripecias d'aquella bella patascada! os *homens d'amanhã* que se propõem succeder aos *homens d'hoje!* os partidos novos que, retemperados na aprendizagem dos grandes principios, se destinam a ir cauterisar a gangrena dos partidos decrepitos! uma constante farçada!

Tanto no pavilhão central, como nas galerias lateraes, é já avultadissima a variedade de exemplares que nos offerece o *kiosque dos macacos*. Ahi temos, por exemplo, perfeitamente com a physionomia de um rachador de lenha, um *cebus capucinus* do Brazil, amavelmente offerecido ao Jardim Zoologico pelo professor Sousa Martins. Logo á ilharga destacam-se-nos dois macacos pretos, de focinho branco, quasi sempre entretidos em amoravel catança. Em seguida apparece-nos um grandalhão de focinho azul, corpo cinzento e quasi sem cauda, grande topete arruivado, olho vivo, experto e penetrante.

Cá se nos depara agora um *cerocebus fuliginosus*, de cauda compridissima, cõr-de-chumbo na cabeça e no dorso, cinzento-claro no abdomen.

E este agora? o *cercopithecus petaurista*? Ahi onde o vêem, este macaco de pelagem verde, focinho negro e comprido, figurou já no kiosque central; — mas expulso de lá pelos outros, expulso apezar da corpulenta estatura que o caracteriza, faz hoje lembrar um monarcha dethronado a meditar na contingencia das grandezas humanas, ou pelo menos um general no dia seguinte a uma batalha perdida!

Mais adiante, tres pequeninos exemplares dão perfeitamente a idéa de tres velhas burguezas em constante disputa, ora placida, ora acalorada e aos guinchos.

Depois, o *cercopithecus mona*: dois exemplares africanos, que ora se baloiçam agilmente no trapezio, ora trincam voluptuosamente alguma avela que lhes offereçam.

Em seguida surge-nos o *cercopithecus cephus* (ou, para melhor dizer, o *cercopithecus pictoriatius* — especie nova que o dr. Mattoso teve alli occasião de reconhecer e classificar).

Logo apar, reclama-nos attenção o *macacus radiatus* da India; e finalmente no extremo septentrional do pavilhão direito uns bellos exemplares de *cercop. ruber*, macacos europeus de pelagem perfeitamente fulva.

Estes e muitos outros, cujos nomes deixo aqui de enunciar, representam uma collecção já importante e curiosa, como curiosa e elegante é a disposição do kiosque.

Um dia d'estes, andando eu a passear no Jardim Zoologico, encontrei-me com um dos membros da Direcção — o dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro — cavalheiro que reúne ás condições de bibliophilo uma intranhada paixão pelos estudos de Historia Natural.

Veio a appello falarmos da belleza das construcções executadas no Parque.

— Não imagina (disse-me o dr. Monteiro) o entusiasmo com que o Barão de Kessler se tem constantemente interessado pela brilhante execução d'estes trabalhos. Ao seu delicado bom-gosto, ao seu finissimo criterio, e ao seu profundo sentimento artistico, se deve o primoroso resultado que estamos admirando.

Um incontestavel documento d'esta asserção é sem duvida o *kiosque dos macacos* — onde realmente hesitam os visitantes em decidir se mais deva despertar os encomios a elegancia de tal habitação ou a variedade interessantissima dos seus habitadores.

Chegado a este ponto, seja-me apenas permittido um breve reparo; já que até agora não encontrei senão motivos para elogio, releve-se-me que n'uma innocente expansão de sinceridade exponha o meu humilde parecer relativamente a uma pequenina minucia que se me antolha menos regular.

Reunidos e circumscripitos os quadrumanos n'aquella sumptuoso palacio que a Direcção do Jardim Zoologico lhes destinou para vivenda, — não percebo eu por que motivos haja de figurar separadamente um exemplar que lá encontrei no Parque. Foi, se bem me lembra, na barraca onde se lê o letreiro — *Venda de comida para os animais*.

Com franqueza: — aquelle specimen de *cercop. anaphrodisiaca*, não acham que está alli deslocado?

Xavier da Cunha.

## JOSÉ MANUEL RODRIGUES

E

### A sua memoria sobre a theoria da balistica

(Continuado do n.º 197)

É o complemento do primeiro estudo. Liga a balistica externa á interna, prendendo-se assim á determinação da resistencia das boccas de fogo e á sua respectiva construção.

As equações d'Euler são as que definem esses movimentos, mas integral-as? E a difficuldade que tantos geometras teem improficuamente tentado superar, desde que appareceu a estria na bocca de fogo e com ella o projectil oblongo.

Deveriamos continuar estes ligeiros apontamentos com a analyse da sua interessante memoria; tendo porém com a sua reconhecida competencia o sr. Dias Costa, official de engenharia e lente da escola do exercito, tratado d'este assumpto, preferimos no interesse dos leitores, extractar com a devida venia da *Revista Militar* essa apreciação.

«O sr. José Manuel Rodrigues, 2.º tenente do regimento de artilheria n.º 1, distinguiu em tempo a *Revista Militar* (1) com uma serie de artigos extrahidos de uma memoria apresentada á Academia Real das Sciencias, e que esta corporação scientifica, fundando-se em honroso

(1) Vide *Revista Militar*, n.º 13 a 15 de 1883.

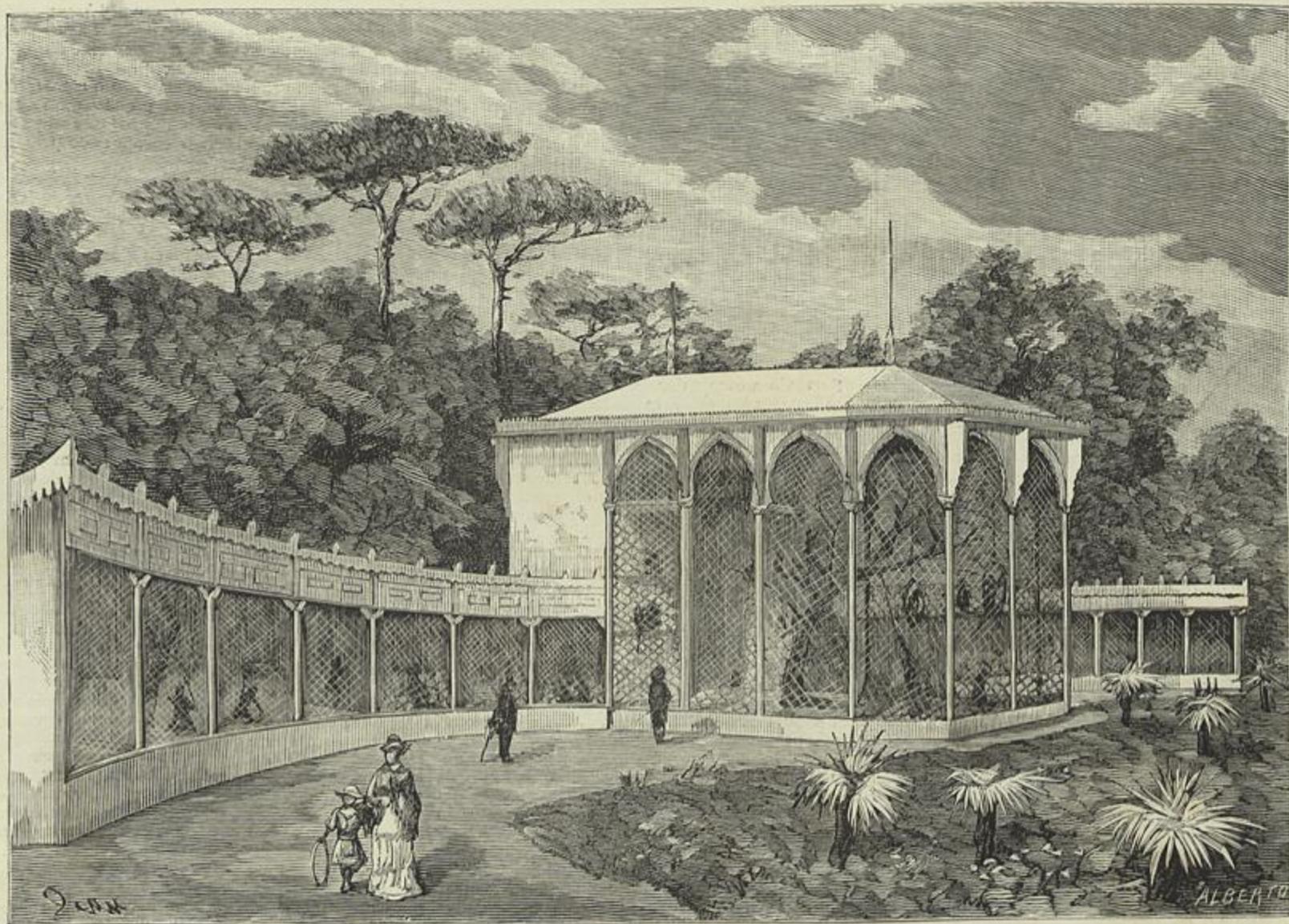
VALENTIM EVARISTO DO REGO — FALLECIDO A 22 DE MAIO DE 1884  
(Segundo uma photographia de H. Le Sieure, de Roma)

e auctorizado parecer do sabio mathematico o ex.º sr. Francisco da Ponte Horta, e mandou imprimir, depois de ter laureado o nosso distincto camarada com a eleição de seu socio correspondente.

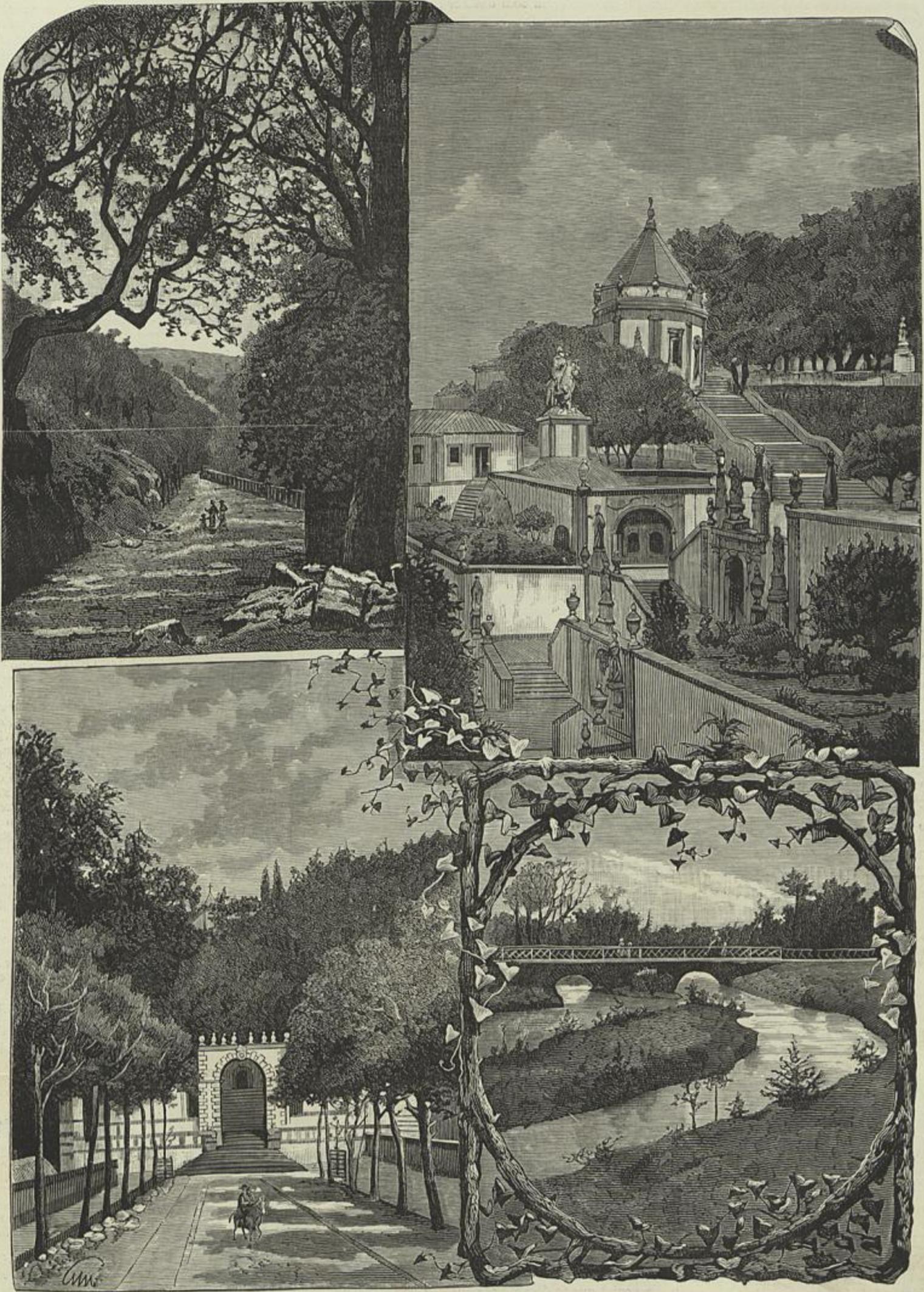
«De tão alevantado merecimento se nos affigura a memoria agora publicada pela typographia academica, que, apesar dos leitores d'este periodico conhecerem já uma parte d'ella, não hesitamos em apresentar-lhes a sua descripção completa. Dos edificios grandiosos não se póde formar juizo seguro pelo exame de uma só parte, embora a mais importante e melhor decorada, porque o merito da obra antes se deriva da harmonia do conjuncto do que da perfeição de cada elemento em separado.

«O sr. Rodrigues divide o seu estudo em tres partes notaveis, precedidas por uma introdução de não somenos valia. Na introdução fica devidamente interpretado o artificio de calculo empregado, no methodo seguido nos modernos tratados de balistica, para a integração das equações differenciaes que definem o movimento dos projecteis no ar, artificio cuja significação e importancia não eram conhecidas dos proprios auctores, que o empregaram.

«Todos os artilheiros sabem que, Didion conseguiu integrar a equação differencial da trajectoria recorrendo a uma constante  $a$  que o conde de Saint Robert aproveitou a idéa de Didion servindo-se, porém, da mesma constante para obter a separação das variaveis na equação que



O KICSQUE DOS MACACOS NO JARDIM ZOOLOGICO



O BOM JESUS DO MONTE — BRAGA — 1, ESTRADA DO SANCTUÁRIO — 2, ESCADORIO — 3, ENTRADA PARA A MATTÁ — 4, O LAGO  
 (Segundo photographias de Emilio Biel & C.<sup>a</sup>, do Porto)

relaciona a inclinação da trajetória com a velocidade, e que o distincto general M. Mayevski, seguindo o methodo de Saint Robert, chegou a resolver o problema balístico de um modo mais geral, por isso que as suas formulas são applicaveis, qualquer que seja a lei da resistencia do ar.

«As soluções obtidas são apenas aproximadas, dependendo a aproximação da constante  $a$ , verdadeira esphinge da balística moderna.

«O sr. Rodrigues demonstra, que empregar essa constante no calculo equivale a desprezar a componente tangencial do peso do projectil, não se considerando portanto no estudo do seu movimento senão a componente normal e a resistencia do ar. É claro que d'este desprezo resulta um erro, tanto mais sensível, quanto maior fôr o peso do projectil. Mostra tambem que nas formulas de Mayevski para o movimento de um projectil espherico, homogeneo e sem rotação inicial, onde a constante é determinada, como fez Didion, pela relação entre o arco da parábola e a sua projecção, não só se despreza a componente tangencial do peso como se considera tambem a resistencia do ar actuando em uma direcção paralela do eixo das abscissas, em sentido contrario ao do movimento, e não segundo a tangente á trajetória.

«Os methodos indicados não são pois exactos, nem na essencia, nem na fórma. O contrario succede com o novo methodo do sr. Rodrigues, onde nem se empregam quantidades auxiliares que importem a commissão de erros, nem se considera a resistencia do meio actuando de um modo diverso do real. O movimento dos projecteis é estudado como qualquer problema mechanico de menor transcendencia, sem erros nem phantasias, e a integração das equações differenciaes respectivas, barreira tomeada, porém não vencida, pelos mais eminentes geometras e artilheiros, é transposta com a maior galhardia pelo moço official, que consegue reduzir o obice alteroso do problema balístico ás modestas proporções do metro das quadraturas.

«Na primeira parte da *Memoria*, o sr. Rodrigues estuda o movimento dos projecteis, homogeneos e sem rotação inicial, deduzindo com o rigor de um positivista as equações da balística, que comprehendem como casos particulares, note-se, as formulas aproximadas de Didion, St. Robert e Mayevski, chegando por fim ás equações integraes, que exprimem a amplitude, altitude e a inclinação tangencial do movimento do projectil em função da sua velocidade e da lei que a resistencia do meio oppõe ao seu movimento. Comparando essas equações com as de Mayevski determina os valores dos erros que resultam de haver o distincto professor russo considerado o problema sob um aspecto, que differe bastante do verdadeiro.

«Transforma depois as equações achadas em outras mais simples, recorrendo para isso a uma theoria muito notavel (1) de calculo integral, que ainda não fôra aproveitada no estudo do movimento dos projecteis. As equações transformadas,

(1) Vide *Revista Militar* de 1883, pag. 425.

que definem as coordenadas da trajetória, a inclinação da trajetória, a inclinação tangencial, e a duração do movimento em função da velocidade, chama justamente *formulas balísticas*, por isso que resolvem com o maior rigor o problema proposto.

«Na segunda parte do seu trabalho, o sr. Rodrigues considera em separado as leis da resistencia do ar, segundo Newton, Euler, e J. Bernouilli, accommodando as formulas balísticas a cada uma d'essas leis. Em relação á de Bernouilli é nova e engenhosissima a maneira como obtem a resolução da equação da trajetória pela formula de Lagrange. Mostra depois que os coefficients balísticos que figuram nas suas formulas, e cujas expressões são extremamente singelas, nenhuma dependencia tem da lei da resistencia do ar, e que portanto a solução obtida é geral e completa.

«Finalmente na terceira parte da *Memoria* o seu talentoso auctor trata do movimento de translação dos projecteis oblongos. Estabelece as equações differenciaes, attendendo ás forças que realmente actuam sobre o projectil, sem sacrificar, como se tinha feito até agora, o problema mechanico consistindo na expressão rigorosa das diversas circumstancias do movimento, ao problema analytico de tornar essa expressão calculavel pelos methodos conhecidos de integração. Este ultimo resultado alcança-o o sr. Rodrigues convertendo as equações differenciaes do movimento, que são de segunda ordem, em equações lineares de primeira, que se reduzem ao typo da equação linear de integral determinado. Introduzindo depois n'essas equações o valor da acceleração tangencial em função da velocidade, e operando pelo methodo seguido no estudo do movimento do projectil espherico, chega por fim ás equações da amplitude, altitude e derivação do movimento de um projectil oblongo, expressas em função da velocidade, e para qualquer lei da resistencia do ar. Como essas equações apresentam uma fórma complicada, converte-as em outras muito simples operando uma mudança de variavel independente, e por outra mudança de variavel torna symetricas as equações transformadas, de modo que integra uma das novas equações ficam tambem integradas as restantes, por isso que a integração segue a mesma lei. Por ultimo, das equações obtidas deduz as da trajetória, isto é, as projecções do caminho do projectil sobre o plano vertical de tiro e sobre um plano horizontal.

«Tal é em resumo, o trabalho de que nos propozemos dar noticia. Da sua extraordinaria importancia só poderão fazer exacta idéa os que conhecem a mais difficil das sciencias militares; mas da comparação dos resultados obtidos pelo nosso camarada com os das investigações dos geometras de maior nome, e dos mais doutos artilheiros, de certo poderão todos concluir que a *Memoria sobre a theoria da balística* é a revelação de um raro talento, tanto mais admiravel, quanto é certo que as primicias scientificas do joven academico, não representam o fructo de penosas investigações: brotavam espontaneas do cerebro de um estudante, pouco antes de terminado o seu curso

escolar. O sr. Rodrigues esboçou effectivamente a sua *Memoria* nas ferias do ultimo anno em que frequentou a Escola do exercito, isto é logo depois de ter estudado a cadeira de artilheria: com um rapido olhar para uma sciencia amparada por subtilezas de analyse, descobriu o que não fôra visível para genios de gloria immorredoura, dando á balística o caracter positivo de que andava divorciada!

«A obra do sr. Rodrigues é um monumento scientifico; mas, releve-se-nos a franqueza, é um monumento incompleto, a que falta bem pouco, em relação á parte construida. O estudo do movimento de rotação dos projecteis oblongos, que, perdoe-nos a indiscrição, já está esboçado no seu espirito, deve, para gloria sua e honra de nós todos militares portuguezes, apparecer em breve, acompanhado de applicações praticas. A *Memoria sobre a theoria da balística*, assim ampliada, terá outro nome e outra utilidade: o nome de *Tratado de balística exterior*, a utilidade de um optimo livro de ensino.»

J. L.

## O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Continuado do n.º 197)

### II

Empenhos de Sua Alteza

O valimento do infante foi n'este anno solicitado para assumptos de mui diversa ordem, mas pela maior parte de tão pequena monta que não vale a pena mencional-os. Entre todos, porém, sobressai um que, pela qualidade das pessoas que n'elle figuram e pelos meios que se puzeram em pratica, não deve ficar em esquecimento.

N'aquelle tempo, como todos sabem, os beneficios ecclesiasticos eram o bem-parado dos filhos segundos dos fidalgos. Não admira, portanto, que a primeira duquesa de Lafões fosse creando e dispondo para a vida ecclesiastica seu filho segundo, D. João de Sousa, posteriormente o celebre fundador da Academia Real das Sciencias, e pedisse em favor d'elle a protecção do infante que mandou logo escrever n'esse sentido ao cardeal Pereira, então em Roma, e ao conde das Galvêas, embaixador de Portugal junto da Santa Sé. Vê-se que D. Francisco se interessou realmente pelo pedido da duquesa, porque entendeu que a elevada jerarchia da sua real pessoa não seria, talvez, argumento bastante efficaz, e, puxando os cordões á bolsa, disse por bons termos ao cardeal que gastasse o que fosse preciso. Ao conde das Galvêas nem palavra a tal respeito. Como quem *jouait bien son*

## O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 197)

### IV

#### Os parentes pobres

Aquelle jurava á mulher que não voltava mais a pôr os pés em similhante casa; outro affirmava que Gilberto era boa pessoa mas de um genio intratavel. Tambem esperava poder dispensar-se de o aturar ao domingo. Antes uns feijões em casa com socego.

— Certamente, accudiam as cunhadas com equal despeito. Tambem é demais, isto é abusar da gente, fazer pouco de nós.

— E quem ha de falar? perguntava uma tia velha ainda em esperanças de matrimonio. Se ha rapazes custosos de aturar, são de certo os filhos de Gilberto. Basta o mimo que lhes dá o pae; mimo?! perdição!

— Vá lá dizer-lhe isso, lembravam; vá, que a occasião agora é boa. Ao que ella respondia com resolução:

— E que duvida? Porque não hei de ir? Deve-se acaso ter medo de dizer a verdade? Pois vou por isso mesmo, porque não tenho papas na lingua.

— Mas todos se lhe oppozeram, dominados por equal ideia de prudencia.

— Não faça tal; o melhor é dar estas coisas ao desprezo, não lhe voltar mais a casa.

Este alvitre não obteve geral approvação.

Os jantares de Gilberto, aos domingos, não eram coisa que se desprezasse sem grandes repugnancias e remorsos, para não dizer saudades.

— Não, lá isso não, porque o Gilberto podia escandalisar-se, diziam os paparocas desculpando-se.

D. Perpetua, obedecendo áquelle sentimento delicado da mulher, que pa-

rece ler-nos através da physionomia os mais secretos sentimentos d'alma, admoestava o marido suavemente dizendo:

— Está bem, está bem, isso já lá vae, agora já não se fala mais n'isso.

E em voz menos forte dizia-lhe com certo azedume:

— Que prazer tens em escandalisar esta gente! Cuidas que por serem pobres teem obrigação de te aturar? Ora accomoda-te, que afinal estás a fazer um barulho immenso por uma coisa que realmente nada vale.

— Mas podia valer muito. Se em vez de uma arranhadura houvessem vado o olho á creança, que fazias tu?

— Chorava esse infortunio.

— São genios, eu cá perdia a cabeça e declaro que não responderia pelo que fizesse.

Momentos depois não se ouvia em casa de Gilberto uma voz mais alta. As proprias creanças mantinham-se n'uma reserva instinctiva, sem implicarem uns com os outros, nem dizerem coisa alguma.

Estavam amuadas, o senhor fechara-se no escriptorio; os manos a um canto da casa do jantar, olhavam para o relógio e consultavam a um tempo o estomago e a consciencia.

O primeiro dizia-lhes que já iam sendo horas de jantar, e a segunda que afinal quem precisava não tinha remedio senão sujeitar-se, ir ouvindo e calando, para poder levar a agua ao seu moinho.

As mulheres é que não estavam pelos ajustes.

Essas é que não queriam saber nem do estomago nem da consciencia.

Ora não lhe matassem o menino, não ficasse a joia defeituosa! Já era mimo, e cegueira.

Ellas eram muito zelosas pelos filhos, e tinham por elles grande afeição, mas não comprehendiam aquellas tolices. Como se os filhos d'elle é que fossem unicamente de carne e osso.

D'ahi o que não menos as escandalisava era dar Gilberto a entender que só os seus filhos devia considerar isemptos de defeitos. Os demais tinham tudo o que era mau. O que elle precisava é que lhe arrancassem a lingua.

E revoltavam-se contra os maridos: dizendo que não sabiam desaffron-

jeu o infante distribuiu perfeitamente os papeis: o embaixador recommendava a pretensão e o cardeal agenciava o negocio.

A carta para o purpurado diz assim:

«Em.<sup>mo</sup> sr. — Ao serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, recorre a duqueza de Lafões, representando-lhe que seu filho segundo D. João de Sousa se achava em idade de ter já benefícios ecclesiasticos, estado para que desde logo o ia creando e dispondo, e que por este respeito rogava a s. a. interpozesse a sua recommendação n'essa curia mediante a pessoa de v. em.<sup>cia</sup>, afim de que o pontifice na primeira vacatura e apresentações que fizesse de benefícios n'este reino se lembrasse do sobredito D. João com algum delles, quando em esphera e graduação possam ser-lhe correspondentes. E assim, attendendo s. a. á afinidade que a duqueza tem na sua casa e bom parentesco de seu filho, encommenda muito a v. em.<sup>cia</sup> se interesse por esta pretensão com todos aquelles bons officios com que puder concorrer, afim de que ella se consiga, e que sendo ainda necessarias da sua parte outras demonstrações mais vigorosas v. em.<sup>cia</sup> as advirta em resposta da presente, offerecendo-me sobre tudo a v. em.<sup>cia</sup> com tão grande vontade de o servir como pede a minha obrigação. Deus Guarde a v. em.<sup>cia</sup> muitos annos. Lisboa Occidental, a 3 de julho de 1726. Maior am.<sup>o</sup> e fiel cap.<sup>o</sup> de v. em.<sup>cia</sup> — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Em.<sup>mo</sup> P. cardeal Peireira».

Seis dias depois era expedida a seguinte carta para o nosso embaixador:

«Fazendo-se presente ao serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, pela duqueza de Lafões, que ella ia creando e dispondo a seu filho segundo D. João de Sousa para o estado ecclesiastico, e que cuidando em procurar-lhe os meios mais conducentes da sua sustentação esperava de s. a. lhe continuasse a mercê de manifestar n'essa curia havia tomado a sua conta e debaixo da sua real protecção estes mesmos particulares, suppostas as obrigações em que o punham a grande afinidade em que ella duqueza se acha com a casa de s. a. e o parentesco que era bem notorio tinha igualmente seu filho nella: ao que attendendo, ordena o dito senhor infante se diga a v. ex.<sup>a</sup> que por attenção a razões tão estreitas se lhe fará muito estimavel que v. ex.<sup>a</sup> na primeira vacatura de benefícios que o pontifice haja de prover neste reino, sendo de lote e esphera que correspondam á pessoa do mesmo D. João, se interesse, quanto possivel seja, afim de que se lhe faça a mercê de algum. Mandando s. a. se ratifique a v. ex.<sup>a</sup> terá sempre em sua real lembrança este bom serviço para que concorrer, e ao de v. ex.<sup>a</sup> estarei em todo o tempo com a maior e mais prompta vontade. Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> muitos annos. Lisboa Occidental, a 9 de julho de 1726. Beija as mãos de v. ex.<sup>a</sup> seu maior am.<sup>o</sup> e cap.<sup>o</sup> — O conde de Aveiras, D. Duarte — Ex.<sup>mo</sup> sr. conde das Galvéas».

Notarei, de passagem, que o parentesco alludido provinha do matrimonio, celebrado a 30 de janeiro de 1715, de D. Luiza Antonia Ignez Casimira de Sousa Nassau e Ligne, 6.<sup>a</sup> condessa de Miranda, 30.<sup>a</sup> senhora da casa de Sousa, e depois (21 de junho de 1718) 1.<sup>a</sup> duqueza de Lafões, com D. Miguel, filho bastardo de D. Pedro II e de D. Anna Armada du Vergé, que de tenra idade viera de França em companhia da rainha D. Maria Francisca de Saboia (1).

(1) Mem. dos duq. port. por Feo Cardoso e visc. de Sanches de Baena, pag. 203 e 204.

(Continua)

Alberto Telles.

## RESENHA NOTICIOSA

**FALLECIMENTO.** Falleceu em Paris Felix Chantrel, um dos mais antigos e sisudos redactores do *Univers*. Tinha sessenta e seis annos de idade, e deixa alguns trabalhos litterarios estimaveis. Entre elles distingue-se, pela vastissima erudição de que dá prova, uma *Historia dos papas*.

**EGYPTO.** Ha uma certa confusão nas noticias que os jornaes nos dão diariamente sobre esta região. Ora dão a insurreição em grande prosperidade, ora a mostram com pouca acção; ora o Mahdi dispondo de grandes recursos, ora luctando com difficuldades e com rebeliões, e até tendo que se defender contra a influencia de outro propheta negro, que appareceu no Darfur. A Inglaterra tinha solicitado e accedido a coadjuvação das tropas turcas, agora diz-se que dirigiu uma nota á Turquia dispensando-as, o que nos não parece muito serio. Com relação ao general Gordon tem-se feito uma lenda. Aparecem agora informações exactas. Chegou ao Cairo monsenhor Logary, bispo catholico do Sudan, e das suas declarações resulta, que a insurreição está em diminuição (o que talvez resolvesse os inglezes a dispensarem as forças turcas), que os partidarios do Mahdi estão desanimados e desilludidos, que não poderão avançar para o norte por falta de plano de acção e de uniformidade de vistas. Posto que o Mahdi esteja convencido do character divino da sua missão, elle não tem intelligencia politica; tem apenas uma vaga idéa de preponderancia politica da nacionalidade arabe, e quanto aos que o tem seguido até hoje, parece que o seu unico objectivo é o de se subtrairem ao pagamento dos impostos exigidos pelo governo egypcio. Effectivamente o desanimo d'esta gente provem de se ter levantado no Darfur o referido propheta negro, que não só não se ligou áquelle, mas até lhe declarou guerra e tem derrotado parte das suas tropas. Quanto ao general Gordon, cuja sorte tanto tem impressionado o publico, parece não correr perigo serio. O bispo não só confia plenamente no character e lealdade do governador de Berber, mas fundado n'essa opinião vem invocar a sympathia publica a favor da missão catholica do Sudan. Em vista de tudo isto e de outras informações vê-se a impossibilidade do Mahdi avançar para o

norte sobre o Egypto, tendo de se concentrar no Sudan, onde aliás terá de combater os que se lhe rebelam, gastando assim pouco a pouco as suas forças. — A Inglaterra, na organização do congresso para regular os assumptos financeiros do Egypto, já tem chegado a um accordo com a França, que oppozera certas duvidas, e segundo algumas meias confidencias de jornaes, parece que esta ultima potencia intervirá com a primeira n'aquelle paiz, não obstante ter evitado essa acção simultanea depois da queda do gabinete Gambetta, e depois de uma resolução do parlamento n'esse sentido.

**EXPOSIÇÃO.** Abriu-se no dia 15 do corrente a exposição industrial dos districtos do norte, no antigo berço da monarchia, a historica cidade de Guimarães. A exposição, segundo as noticias que temos presentes, diz-se que faz honra á industria local e que é digna de ver-se. É pena, porém, ter-se aberto durante o periodo de abertura da Exposição agricola em Lisboa, o que de certo prejudicará alguma coisa a concorrência aquella. Desejamos em todo o caso, muita prosperidade e optimo successo a tão sympathico certamen.

**KRUGER.** O presidente da republica do Transvaal, Kruger, que ha pouco esteve em Lisboa, a fim de tratar de assumptos importantes entre aquelle Estado e o nosso paiz, logo que voltou a Paris com a infatigabilidade de que é dotado, teve repetidas entrevistas, com o ministro Julio Ferry, afim de obter a nomeação de um consul francez em Pretoria, e dirigiu-se a todas as companhias de vapores para ver se alcançava o estabelecimento de uma linha de paquetes entre Marselha e Lourenço Marques! Então os nossos nacionaes não percebem, nem veem quanta vantagem haveria em que a comunicação se fizesse antes entre Lisboa e aquelle ponto, que é nosso? Dirão que ha a companhia ingleza subvencionada, infelizmente é isso verdade, porque todos sabemos o serviço das companhias inglezas. O que vemos é perderem-se todas as occasiões de desenvolver o nosso commercio e a nossa influencia na África. Ousamos ao menos esperar que o illustre ministro da marinha e ultramar, fará suprir, na parte conveniente, pelos nossos navios de guerra, a comunicação entre a metropole e as colonias, que a marinha mercante devia ser a primeira a entreter.

**CONCURSO.** A real associação dos architectos e archeologos portuguezes abriu um concurso entre os nacionaes para a feitura de um vocabulario dos termos de architectura ao alcance de todas as intelligencias, sendo a principal condição entregar o vocabulario á associação até 30 de junho de 1886, praso que julgamos muito curto, porque não supponemos ninguem no caso de fazer obra perfeita d'este genero em tão pouco tempo. É urgente regularisar a nomenclatura, sendo aliás rico o nosso vocabulario, apesar de adulterado e estropiado por um vergonhoso *Diccionario technologico* que para ahí corre impresso. Para fazer uma obra d'estas prestavel, e que pudesse ter auctoridade classica devia organisar-se uma grande commissão, cujos membros, pertencentes a diversas provincias e trabalhando n'ellas, po-

tal-as, e sofriam com uma humildade servil quantos insultos se lhes dirigissem.

Deste modo quando se deu o aviso de estar o jantar na meza, só os mais gulotões, ou algum de melhor paladar é que se apresentou voluntariamente.

Os demais só a rogos se foram chegando.

Gilberto, com o seu guardanapo entalado entre a camisa e o colete de magnifica pellussia, sobre o qual brilhava a grosso cadeia d'ouro com os seus breloques vistosos, sentiu-se, ao notar a ausencia do mano Manuel, do mano João e demais manos e cunhadas, e os seus olhos foram encontrar-se com os da esposa, que tambem o procuravam commovidos como se lhes estivesse dizendo:

— Coitados!

Gilberto então levantou a sua voz acentuadamente paternal e chamou-os. Não contente com isso levantou-se logo e foi elle proprio buscal-os.

Seguiu-se uma scena tocante, mas de uma mudez completa, em que a mimica substituiu a palavra.

O que se havia dito de mais a proposito dos rapazes dizia-se agora de menos a proposito da sopa, ou porque fosse assumpto mais comprehensivel, ou por qualquer outro motivo que não nos ocorre agora.

A meza seguiu-se o mesmo retrahimento por parte dos convivas.

As senhoras inculcavam-se de um fastio mortal; os manos estavam com algum appetite mais, porém de uma singular sobriedade de palavras.

Gilberto queria tornar-se jovial, mas faltava-lhe o assumpto.

Por uma quisilia inexplicavel, só lhe ocorriam estupadores considerandos sobre a educação, os quaes o obrigavam a engasgar-se a fim de não contrariar D. Perpetua, que lhe deitava de quando em quando uns olhares reprehensivos para não tirar de todo o appetite ás cunhadas, que não cessavam de declarar a cada prato que lhes serviam:

— Estamos satisfeitas, nós não temos vontade.

Isto affirmavam de uma maneira tal como se quizessem dizer que estavam alli por cerimonia e dispostas a limparem os pés á porta para nunca mais.

Gilberto dava pulo.

As advertencias da esposa e a attitude fria e reservada dos parentes, tinham-lhe dado no goto e feito cair em si.

Já estava arrependido do que dissera.

Elles, a falar a verdade, tinham razão. Devia julgal-os por si. Ninguem gosta que lhe digam mal dos filhos por muito maus que elles sejam.

Coitados: sempre eram paes.

Gilberto por vergonha é que não ia pedir-lhes perdão.

Procurava, porém, tanto quanto lhe era possivel, trazel-os á razão, congraçal-os, fazer as pazes com elles.

— Já que não comem, ao menos bebam, dizia-lhes em mostras de grande franqueza.

E enchia-lhes os copos abundantemente, a ponto de se tresvasar o liquido pela toalha.

D. Perpetua então advertia-o:

— Ó menino, tu não vês?

— Deixa, que é alegria.

— É uma nodoa que custa a tirar na barrela como a fortuna.

Gilberto respondia:

— Qual, a fortuna não custa nada a tirar, agora a desgraça é que é uma nodoa que difficilmente se apaga, embora caia no melhor panno.

Esta philosophica tirada produziu uma grande sensação de despeito.

Cada qual julgou ver talhada n'ella uma carapuça para si.

Alguns segredaram baixinho.

— Era melhor que nos atirasse com os pratos á cara.

O mano João, de faca em punho, respondeu com todo o seu marcial arreganho:

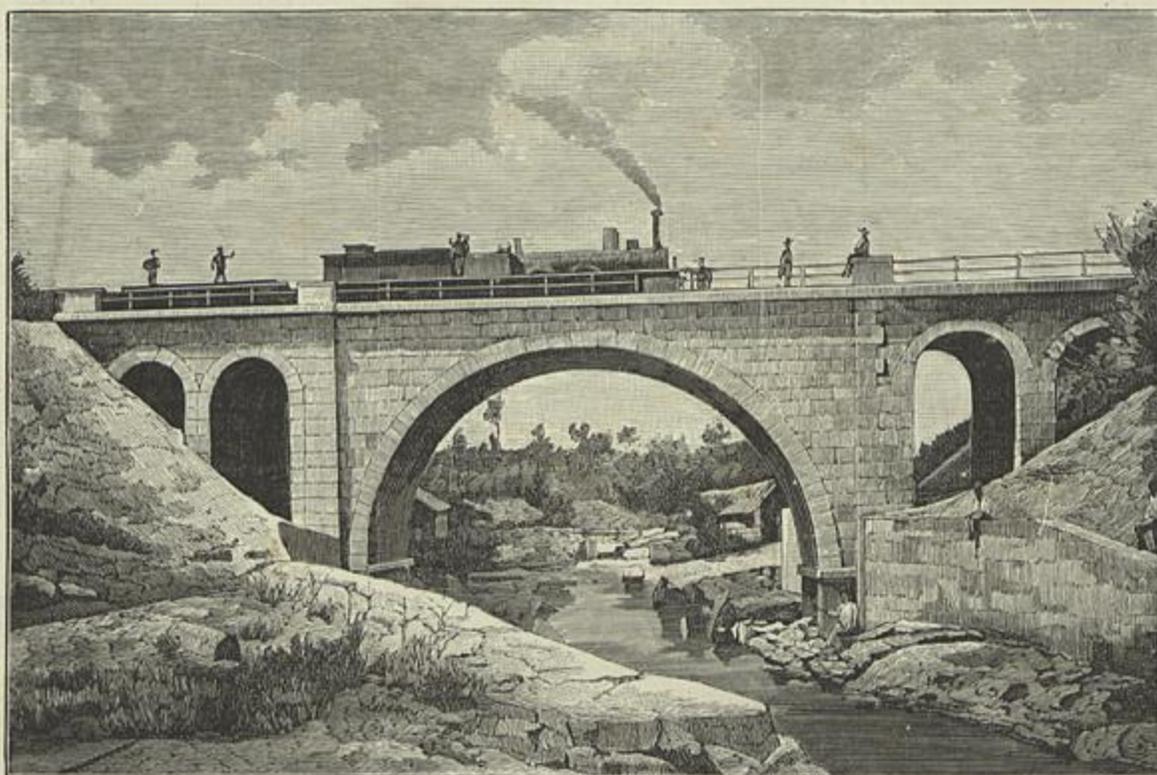
— Desgraçado é o diabo!

Gilberto continuava a encher-lhes os copos.

Elles cabisbaixos e tristes afastavam-nos para o lado, inculcando uma grande indifferença glacial.

(Continua)

Leite Bastos.



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — PONTE SOBRE O SOUSA, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

dessem recolher muitos termos portuguezes, ou já aclimados por seculos, mas que a maior parte dos nossos constructores ou ignoram, ou esquecem. O empenho da benemerita associação é digno de todo o louvor e fazemos votos, apesar da opinião que temos a tal respeito, para que d'este concurso se colha resultado satisfatorio. Os premios são: medalha de prata, para o trabalho approvedo pela associação, de cobre para o immediato em merecimento, diploma de merito para o que obtiver o terceiro lugar.

OUTRO. A mesma Associação abriu tambem concurso publico entre nacionaes para estudos especiaes em architectura e archeologia. *Pontos de architectura*. 1.º Estudo acerca das igrejas mais antigas de Portugal, com a composição e apreciação da sua architectura, designando as fórmas mais caracteristicas da sua construção, etc. 2.º Estudo sobre a causa que influiu na introdução dos diferentes estylos dos monumentos religiosos em Portugal, etc. 3.º Estudo sobre o estylo romano, etc. 4.º Determinar quaes os vestigios ainda existentes no paiz da architectura, ou simplesmente construção romana ou arabe, quer em edificios civis, quer em militares. *Quesitos de archeologia*. 1.º Os mais antigos monumentos megaliticos de Portugal terão sido construidos por uma população anterior ás mais antigas invasões celticas? (*porque celticas?*). 2.º As eminencias que se encontram isoladas nas provincias da Beira, para que fim se acham dispostas d'este modo? A que povo se poderá attribuir a construção? Seriam as tribus que construíram os monumentos megaliticos? Porque não se encontram semelhantes nas outras provincias, havendo n'estas as outras construções da idade megalitica? 3.º Quaes são as mais importantes descobertas archeologicas, antigas e modernas, feitas em Portugal? Em que localidade existem (?) ou se fizeram? Quaes foram os principaes objectos que se colheram d'ellas? 4.º Determinar a divisa usada nos escudos do conde D. Henrique de Borgonha e de seu filho D. Affonso Henriques e d'escrever, documentando-a, a origem e alterações porque tem passado o escudo de armas do reino de Portugal. As memorias deverão ser entregues na séde da Associação (Museu archeologico do Carmo) até o dia 30 de junho de 1885. Os premios constarão de medalhas de prata e de cobre e diplomas de merito; no caso de serem impressas as memorias, os seus auctores terão direito á decima parte da tiragem dos exemplares. A explanação das condições de apresentação das memorias, da constituição do jury, etc., constam do programma. Como não tivemos a honra de receber nenhum exemplar d'elle, copiámos ou extractámos o que encontrámos sobre este importante assumpto em alguns jornaes, não sabendo se os defeitos e vi-

cios de linguagem são do programma original, se dos diversos extractos. Louvamos a associação por estes emprehendimentos, mas julgamos o prazo do concurso excessivamente curto.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

*AURORAS DA INSTRUÇÃO pela iniciativa particular*. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1884, pelo sr. D. Antonio da Costa, 8.º de iv — 446 pag. — É este livro mais um serviço que o illustrado escriptor prestou ás letras e ao paiz. Como se sabe a instrução primaria, apesar dos muitos esforços dos poderes publicos, lucha ainda no nosso paiz com muitas difficuldades de indole, tradições de seus habitantes e meio em que se vive, comtudo força é dizer-se, contra o que se assevera abi todos os dias, o seu desenvolvimento hoje é já muito grande, principalmente onde a população é mais illustrada e mais densa. Nas terras certanejas e serris, por virtude do modo de vida, dispersão e pequenez das povoações e asperza dos caminhos é ella menos espalhada. A dedicação e zelo de alguns particulares tem vindo porém auxiliar poderosamente este elemento civilizador creando escolas e asylos em diversas localidades, entre as quaes avultam pela sua importancia ou organização as do conde de Ferreira, Montenegro, viscondessa da Gandarinha e outros. O sr. D. Antonio, descrevendo com o seu estylo brilhante as principaes d'essas instituições, e fazendo resenha das outras, não só nos mostra o muito que se tem feito, mas incita ao desenvolvimenro d'esta grande fonte da prosperidade nacional.

*INSTITUIÇÕES DE PREVIDENCIA, fundadas no Rio de Janeiro* — *Apontamentos historicos e dados estatísticos, colligidos e coordenados para serem presentes á primeira sessão quinquennial do congresso scientifico internacional das instituições de previdencia effectuada em Paris em julho de 1878*, por Joaquim da Silva Mello Guimarães... Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883. — 8.º francez de xxiii — 244 pag. e 1 de errata, nas quaes se incluem um additamento relativo a 1883. — Este trabalho, bastante importante, e que foi redigido para ser presente ao congresso de Paris, é acompanhado de 8 mappas que expõem por sua ordem o estado das *Caixas economicas, Montepios, Associações de interesses mutuos, Sociedades de beneficencia e de soccorros mutuos, Confrarias religiosas, Maçonneria, Asylos e Hospitales*, d'onde se vê que o patrimonio das diversas corporações ascende a quantia superior a quarenta e

sete mil contos de réis (fracos) e os beneficios obtidos durante o ultimo anno são superiores a dois mil contos, e o numero de associados 217:852. — O auctor, um prestante portuguez estabelecido ha muitos annos no Brazil, honra o paiz onde reside e a sua patria, entregando-se a trabalhos de tamanha utilidade.

*HISTORIA PATRIA, O BRAZIL DE 1831 A 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo* — Rio de Janeiro, B. L. Gornier, livreiro-editor — 71, rua do Ouvidor, 1884. — O periodo da historia do Brazil, que o auctor trata é um dos mais violentos e agitados da existencia d'aquelle imperio, pois começa na abdicação de D. Pedro I em seu filho o actual imperador, então menor, nomeação de tutor, regencia, etc., e segue com os da reforma da constituição, agitações e revoltas em varias provincias, tentativas republicanas na Bahia e Rio Grande; combates amnistia e accordos, concluindo na declaração da maioridade de D. Pedro II, sua acclamação e pacificação do imperio. O auctor não procura fazer effeito nem propaganda em qualquer sentido, mostra-se imparcial e justo nas suas apreciações, e se nota os erros de alguns homens eminentes, não os vilipendia. Parece-nos um trabalho serio e util.

*CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA, a cargo da secção de archeologia do mesmo Instituto, 1873-1877*. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1877. — 4.º grande de viii — 69 pag. e 1 de errata. São notaveis e importantes os objectos contidos n'aquelle museu e o catalogo está feito com sobrada proficiencia. Para o seu complemento, já se acha publicado o seguinte:

*CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA... Supplemento 1.º (1877-1883)* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1883. — de viii — 49 pag. e 1 de errata — Descreve os objectos recolhidos no museu no periodo referido, alguns muito valiosos.

## MUDANÇA

A Empresa do «OCCIDENTE» mudou os escriptorios de Redacção, Administração e Atelier de Gravura, para o Largo do Poço Novo, entrada pela Travessa do Convento de Jesus, 4, Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.